



Epifanias do magistério militar no Exército Brasileiro

Barbara Miguel Alves *

Ludmila Fernandes de Freitas **

Apresentação

06h40 da manhã. Um homem com estatura aproximada de 1,75m, cabelos lisos, grisalhos e tez branca caminha a passos serenos e elegantes com seu traje social – calça, camisa e sapatos – pela alameda das Palmeiras para iniciar mais um dia de aulas no Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ).

Trata-se do Coronel da reserva Roberto Orestes Barbosa. Dono de uma oratória poética e uma retórica invejável, tido como referência acadêmica e inspiração como profissional por colegas de trabalho e demais militares, o Coronel Roberto – como é chamado – é o professor com mais tempo de docência na instituição: 49 anos. Entre seus ex-alunos, estão muitos militares da ativa e da reserva, oficiais-generais e profissionais renomados no meio civil.

Conforme o sítio do Departamento-Geral do Pessoal do Exército Brasileiro, as atividades do magistério militar são desempenhadas por oficiais

de carreira, oficiais técnicos temporários, oficiais da reserva remunerada e professores civis¹. A educação que o Exército proporciona a seus discentes é baseada em tradições e valores como civismo, honra, trabalho e amor à pátria. Essa formação holística busca a excelência na qualificação dos seus quadros, proporcionando condições morais e técnicas ao indivíduo militar, para o exercício de suas atividades profissionais.

Nesta entrevista, trazemos o relato do coronel da reserva pertencente ao magistério do Exército Brasileiro, Roberto Orestes Barbosa, atual professor de língua portuguesa do terceiro ano do ensino médio do CMRJ. Desde 1975, o Coronel Roberto proporciona relevante colaboração no ensino de língua portuguesa, literatura e redação no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), especialmente no ensino para o Itinerário Formativo de Carreiras Militares (CAMIL)².

* Especialista em literatura brasileira e língua latina (UERJ). Especialista em língua portuguesa (UVA). Atualmente, é professora de língua portuguesa e redação no CMRJ. E-mail: profbarbaralopes@gmail.com.

** Doutora em ciências humanas – antropologia cultural (UFRJ). Atualmente, é professora de sociologia no CMRJ. E-mail: profa.ludmilafrances@gmail.com.



Esta entrevista tem como intuito resgatar um período histórico vivido pelo magistério militar por meio da biografia e trajetória profissional narrada pelo Coronel Roberto, atualmente professor decano na Casa de Thomaz Coelho³. Objetivamos, igualmente, por meio de sua narração, recuperar parte do período histórico do magistério militar nesta instituição de ensino. Em momentos de complexidade e impasse na educação, ansiamos que os leitores possam desfrutar da mesma epifania, algo como uma “inspiração iluminada” que tivemos ao ouvi-lo, trazendo novo sentido e significado à tão árdua e nobre missão de todo professor: ensinar.

Barbara e Ludmila: Gostaríamos que o senhor nos apresentasse um pouco da sua trajetória como professor.

Coronel Roberto: Aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, sempre me encantou o magistério. Talvez por admiração a minha avó Regina Nunes da Costa Barbosa, chefe de distrito educacional do Distrito Federal, e a seu irmão Nélson Costa, historiador e cronista membro da Academia Carioca de Letras e secretário de Cultura do Distrito Federal. O fato é que essa admiração projetou-se em meus professores no CMRJ. Eu os amava e desejava me ombrear com eles.

Assim, ingressei na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) com o anseio discreto de dirigir-me ao magistério militar, quadro extinto posteriormente, em final da década de 1960.

Como aspirante-a-oficial do Serviço de Intendência, escolhi servir em Salvador, no que

fui aconselhado por vários professores do CMRJ que para lá foram transferidos quando da criação do Colégio Militar de Salvador (CMS). Para citar alguns, Cel Humberto Giovani Calfa, de descriptiva, Cel Fausto José Moreira da Silva, de português, Cel Gustavo Lisboa Braga, de história, Cel Alceu Renato Gonçalves, de inglês. Todos, a essa altura, meus diletos amigos. Eles iam com a promessa de retorno ao CMRJ após dois anos.

Àquela época, não era indispensável licenciatura, bastando o aval da Banca Examinadora do Colégio, que analisava o saber necessário. O fato é que eu servia no Forte de São Pedro, no ERS/6, e ministrava aula de descriptiva no CMS, tudo com aval do Comando da Região, por necessidade do serviço, durante os anos de 1966, 1967 e 1968.

Em 1969, retornei ao Rio de Janeiro e fui servir na Vila Militar e no Hospital Central do Exército (HCE), como intendente, ao tempo em que me matriculei na Universidade do Estado da Guanabara (UEG) – atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – e cursei licenciatura em matemática, que habilitava em descriptiva, na expectativa de aumentar meus pontos em titulação para concursos.

Em 1974, de fato, houve concurso público de títulos e provas para o novo Magistério do Exército (ME), no qual fui aprovado em primeiro lugar, conforme registro em Boletim Interno (BI) do CMRJ.

Lecionei neste colégio a partir de 1975 até 1995, quando completei cinco anos de coronel na ativa, sendo, por imposição de lei, transferido para a reserva remunerada. A partir de então, venho sendo reconduzido como prestador de tarefa por tempo certo (PTTC).



Com isso, de oficial mais moderno do ME, tornei-me, por gentileza do tempo, decano do ME, tratamento que muito me desvanece. Fiz jus à Medalha de Honra de 30 anos de serviço ativo e à Medalha Marechal Trompowsky do Instituto dos Docentes Militares⁴.

Percorro corredores, alamedas e salas deste colégio, inspirando-me nas imagens de meus mestres, os quais, inclusive, tive a honra de fazê-los retornar para jantares inesquecíveis no Palacete da Babilônia, à época em que aqui fui subdiretor de ensino, no comando do Cel Mascarenhas de Moraes, neto do marechal comandante da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Barbara e Ludmila: Quais disciplinas o senhor lecionou no início de sua carreira?

Coronel Roberto: Nos anos de 1975 a 1978, ministrei geometria descritiva. Mas meu sonho era a língua portuguesa. Estava em descritiva por carinho ao Cel Calfa, meu padrinho, que sempre soube de minha real preferência.

Em 1978, houve uma redução drástica da carga horária de descritiva, e tivemos de trilhar novos rumos. Recebi convite para migrar para língua portuguesa, tendo avalizada minha transferência os professores Gen Nélson Custódio de Oliveira, Cel Jonhson Andrade dos Santos, Cel Jorge de Souza Caminha. Os anos letivos de 1985 a 1988, cumpri-os na Escola Preparatória de Cadetes.

Em meu último ano na Ativa, 1995, fui designado subdiretor de ensino para criar o Colégio Militar de Campo Grande, missão que, igualmente, cumulou-

-me de afetos, até porque, após minha saída, recebi a notícia de que houvera vencido concurso e, assim, sou autor da canção do Colégio Militar de Campo Grande.

Barbara e Ludmila: Em que medida o senhor considera que a paixão pela literatura teve como influência o convívio com seu avô, o compositor, poeta, escritor e jornalista Orestes Barbosa?

Coronel Roberto: Meu avô, quando eu ainda era criança, escreveu-me:

Meu Roberto, é assim a vida,
Uma bola colorida,
Pois a vida é uma ilusão.
Quanto maior e mais bela,
Mais do alto se esfacela –
É uma bola de sabão.

E para mim e meu irmão:

Roberto e Guilherme, estudem.
Grande fortuna é o saber.
Sejam sempre bons – não mudem,
Que há de, felizes, vencer.
Depois da saúde o estudo
É que é o maior bem.
E Deus, acima de tudo.
Pois quem tem Deus tudo tem.

Naturalmente, crescendo ouvindo meu avô e meu pai contando casos, e causos, e dizendo textos e versos de Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Drummond, Guerra Junqueiro, Eça, isso me tocou o espírito, e a necessidade de ler os bons autores tornou-se uma necessidade sem a qual não teria sabido viver.



Orestes, meu avô, era capaz de ler um livro e citar passagens de cor, dono de memória privilegiada. Não tendo, por falta de recursos, cursado colégios, aprendia com a vida, mas sempre valorizou o ensino presencial. Orestes tinha a volúpia do jornal, que, dizia, manusear até para sentir o cheiro da tinta. Quanto à obra dele em crônicas, reportagens e versos, dizia: "Fiz uma antologia das ruas. A verdadeira antologia é a memória do povo. A rua é o aplauso sincero e a vaia justa. Eu sou a rua e esta autoridade ninguém me negará."

Bandeira escreveu: "O Orestes que eu admiro é o que é capaz de escrever: 'Amei tantas mulheres loucamente. / Tantas bocas beijei no meu desejo./ Sem saber que deixava, ingenuamente, / Um pouco de mim mesmo em cada beijo!'

Escreveu Bandeira, ainda, sobre Orestes: "Se se fizesse aqui um concurso, como fizeram na França, para escolher qual o verso mais bonito da língua portuguesa, talvez eu votasse naquele do Orestes, que diz: 'Tu pisavas nos astros distraída'. Sei de muito poeta. Onestaldo de Pennafort é um deles e eu sou outro que se rala de inveja por não ser o autor daqueles versos do *Chão de Estrelas*. De fato, nunca se endeusou tanto uma mulher..."

Ora, com essa família, como não se apaixonar pela língua e literatura de nosso país?

Barbara e Ludmila: Caso pudesse voltar no tempo, tornaria a optar pela docência?

Coronel Roberto: Talvez meu sonho não tenha sido tão grandiloquente, aos olhos de alguns; mas posso orgulhar-me de tê-lo realizado, e, ao passar

dos anos, em não poucas vezes, tenho recebido mensagens e abraços de gratidão de ex-alunos, os quais credito a meus mestres e a minha família, que sempre obstinadamente me ensinaram o valor da cultura e do bem. Não me reconheceria em outros caminhos que não o da docência.

Olho os alunos e penso em suas famílias, sobretudo nas dificuldades por que passam e sinto, poder-se-ia dizer, um sacrossanto aperto de oração no meu coração por seus futuros.

Barbara e Ludmila: Qual deve ser o objetivo central de um professor da área de linguagens?

Coronel Roberto: O objetivo central do ensino do idioma, em meu entender, é a salvaguarda das tradições que nos legaram os antepassados, desde primórdios da cultura ocidental. As transigências à norma são inevitáveis, mas julgo que as salas de aulas são templos nos quais nos ajoelhamos em respeito ao nosso passado. Para aprender o coloquialismo não se precisa de livros e professores. Como escreveu meu avô, "a rua é aplauso sincero e a vaia justa." A rua sabe mais e ensina com suas amargas e amarras. Cabe-nos a busca da perfeição. Não a perfeição inalcançável, mas a busca. A arte e a ciência conjugadas em direção ao bem comum.

Barbara e Ludmila: Qual a sua visão sobre os desafios do professor de língua portuguesa nos dias de hoje, considerando nosso idioma como uma língua viva?



Coronel Roberto: Claro que é um desafio vivenciar essa dicotomia imposta pelos tempos de hoje, quando liberdade e liberalidade se harmonizam paradoxalmente. O culto à impunidade e ao vale-tudo, mesmo que a alma seja pequena, conduzirá a sociedade a mares nunca dantes navegados, em vez de caravelas, a foguetes, bombas e drones assassinos. Cultuar a fé e a esperança são nossos cajados espirituais.

Barbara e Ludmila: Considerando que, para o sociólogo Émile Durkheim, “a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social”, qual contribuição o senhor deixaria às gerações de alunos atuais e futuras?

Coronel Roberto: Minha contribuição ao ensino e, por consequência, às novas gerações, é ter transmitido amor ao ofício e à vida. É ter compreendido o sentido da vida como uma bênção a ser cultuada.

Os alunos percebem o devotamento, a perseverança, o estímulo que o professor lhes dedica. Procurei devotar, perseverar, estimular. Se o consegui? Certamente direi, com consciência, não, curvado a minhas limitações humanas.

Cresci ouvindo que ao professor cabe-lhe a grandeza de fazer surgir, das nebulosas que lhe são entregues, estrelas radiosas que esplenderão para a grandeza de nosso povo.

Um poeta diria que ao professor cabe cultivar a plantação que praga não destrói, que geada não resseca.

A consciência não me pode condenar, eis que perseguí, embora sem êxito, com todas as forças, a transmissão do apanágio cultural da nossa gente.

Exemplos formidáveis não me faltaram, de mestres que escreveram páginas fascinantes com tintas de dedicação, honradez e talento.

Exemplos dignificantes não me faltam ao admirar os professores atuais, que mergulham nas sentimentalidades de seus alunos com competência que significa e permite prenunciar belíssimos alvoreceres de novos tempos.

Referências

BRASIL. Comando do Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial. **Projeto Pedagógico do Sistema Colégio Militar do Brasil: 2021-2025.** Disponível em: http://www.cmrj.eb.mil.br/images/divens/pp_edit.pdf. Acesso em: 29 jul 2024.

BRASIL. Comando do Exército. Departamento-Geral do Pessoal. **Dia do Quadro do Magistério Militar.** Disponível em: <http://www.dgp.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias1/1665-08-de-fevereiro-dia-do-quadro-do-magisterio-militar>. Acesso em: 28 jul 2024.



BRASIL. Ministério da Defesa. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial. Colégio Militar do Rio de Janeiro. **Histórico Imperial do CMRJ**. Disponível em: http://www.cmrj.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=123. Acesso em: 30 jul 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HONORATO, Hercules Magalhães. **O resgate histórico de um período da Escola Naval: o magistério superior militar naval**. Revista de Villegagnon, 2015. p. 61-67.

Notas

¹ Uma pesquisa exploratória sobre magistério militar nos levou ao artigo sobre o magistério superior militar naval (Honorato, 2015). No entanto, não é nosso intuito nessa entrevista perfazer esse histórico por meio de um levantamento bibliográfico.

² Desde 2021, o SCMB, em função das modificações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabeleceu que o currículo dos três anos do ensino médio seria composto pela Formação Geral Básica (FGB) e pelos itinerários formativos para carreiras universitárias e carreiras militares – CAMIL (destinado à preparação para ingresso nas escolas militares, com foco na EsPCEx).

³ Em 23 de fevereiro de 1978, foi concedido ao Colégio Miliar do Rio de Janeiro a designação histórica de “Casa de Thomaz Coelho”, por meio da Portaria do Ministro do Exército nº 378.

⁴ A Medalha Marechal Trompowsky, criada pelo Decreto 33.245, de 8 julho de 1953, tem como propósito condecorar membros do magistério, instituições ou personalidades que prestaram ou venham a prestar relevantes serviços ao Magistério do Exército. A condecoração traz o nome do seu patrono, o Marechal catarinense Roberto Trompowsky Leitão de Almeida.